

## 1º Festival Comunidade Compositoras Açorianas

# Associação “Prolíficas” quer mais compositoras açorianas nas próximas edições do festival

A “Prolíficas” – Comunidade Compositoras Açores, nasceu a Janeiro de 2022, de Teresa Gentil, compositora natural de Tondela, mas que viveu já em São Miguel. Em entrevista ao Correio dos Açores, a fundadora conta que a ideia surgiu da consciência da existência de várias compositoras na região e da necessidade de dar-lhes visibilidade, e de como juntou Sara Cruz, Ana Paula Andrade, Ângela da Ponte, Sara Ross, e Katerina L’dokova nesta colaboração pro bono. Fala sobre as prolíficas, sobre este primeiro festival e sobre a colaboração com o Arquipélago. O intuito da associação - e do festival - é promover a representatividade de mulheres compositoras através da realização de eventos, da edição fonográfica e de partituras e ainda de diálogos interdisciplinares. Os mundos das artes, neste caso, o da música, era dos homens, mas associações como a “Prolífica” querem fazer conhecer as obras de qualidade das compositoras mulheres, para “equilibrar a balança”. A associação começa a sua acção com o “1.º Festival Comunidade Compositoras Açores”, que terá lugar já nos dias 24 e 25 de Fevereiro, no Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas.

**Correio dos Açores - Como surgiu esta associação? Como foi possível juntar todas estas compositoras?**

**Teresa Gentil** - É Comunidade Compositoras Açores, porque nem todas nasceram nos Açores, têm é alguma ligação aos Açores, seja, vivem ou viveram lá. Metade de nós, mais ou menos, nasceu nas ilhas. A ideia surgiu numa altura em que estive a viver aí e percebi que tínhamos muitas compositoras a viver em São Miguel, nas outras ilhas não conhecia muita gente. Depois lancei o convite à Ângela da Ponte, à Sara Ross e à Ana Paula Andrade. Efectivamente toda a gente achou que era boa ideia, depois convidamos mais algumas pessoas, a Sara Cruz e a Katerina L’dokova. Depois arrancamos com a formalização da associação e com uma candidatura à Direção Regional da Cultura para organizarmos uma espécie de festival e que pudéssemos mostrar a nossa música. Foi assim que começou.

**Porquê “Prolíficas”?**

Porque trabalhamos muito (risos), comparamos muito e temos muito trabalho feito já. As pessoas não têm às vezes noção, de uma maneira geral, porque a música dita clássica ou contemporânea têm um circuito muito próprio e não é muito falada nos meios de comunicação, ou seja, não há muita atenção à música dita clássica. Por exemplo, posso dar o caso da Ângela da Ponte ou da Sara Ross, que são compositoras de renome internacional e têm já peças tocadas um pouco pela Europa toda. São pessoas que têm uma produção musical para orquestra, para ópera e grandes ensembles, que é significativa a nível nacional e são jovens. Normalmente na composição a pessoa tem de ter uma carreira com alguma longevidade. O trabalho é moroso, demora a aparecer, e são pessoas que têm já um percurso muito interessante. Do ponto de vista regional, a Ana Paula tem um trabalho gigantesco que as pessoas não conhecem porque ou não é editado, ela faz em contexto de recital, mas começou agora a editar os trabalhos para crianças. Ela tem imensa coisa que fez para os seus alunos do con-



“Já falamos com muitas outras compositoras, que estão espalhadas pelas ilhas...”

servatório e que é trabalho incrível. O nosso plano também era no futuro conseguirmos promover algumas dessas edições.

Depois temos uma outra vertente que é para além da música clássica, temos a música de cantautora (compositora que interpreta as suas próprias músicas). Temos uma pessoa mais do jazz, que é a Katerina, e que faz um trabalho de música original que cruza muito as influências da terranatal dela, a Bielo-rússia, com a música portuguesa e o jazz.

Para além de ser uma excelente compositora é também uma excelente pianista e canta muito bem. E temos a Sara Cruz, que dispensa apresentações em São Miguel, mas que é uma cantautora que tem já um trajeto relevante.

Há também outras pessoas, que ainda não fazem parte do núcleo da associação.

**“Para o ano estamos a pensar em outras pessoas que gostávamos de levar”**

Agora estamos um bocado espalhadas. A maior parte das pessoas vêm muitas vezes às ilhas. Mas vamos estar todas aí a 25 de Fevereiro, no dia em que haverá o concerto com as peças de todas as compositoras. No dia 24, é um espetáculo-oficina para escolas. Essa é a minha parte este ano.

Já falamos com muitas outras compositoras, que estão espalhadas pelas ilhas. Este ano, devido aos constrangimentos orçamentais, não pudemos trazer toda a gente para o festival, com muita pena nossa. No futuro, o que queremos é ir rodando. Este ano vamos ter concertos de cantautoras da Katerina e da Sara, e para o ano estamos a pensar numa série de outras pessoas

que gostávamos de levar, de outras ilhas também, para mostrarem o seu trabalho. Há outras compositoras da música clássica que são açorianas ou têm uma ligação muito forte ao arquipélago, que queremos convidar. Mas isto tem de ser um passo de cada vez.

**Então a associação pretende expandir a mais compositoras?**

Sim, principalmente para o festival. Já estamos em contacto com essas pessoas. Infelizmente não conseguimos programar toda a gente este ano, tivemos de fazer algo bastante mais reduzido do que aquilo que inicialmente tínhamos pensado. Inicialmente queríamos fazer uma mostra de todas as compositoras que há pelas ilhas, mas isso é impossível do ponto de vista orçamental. Só cantautoras tínhamos cerca de 15 e tinham

de vir das outras ilhas. Não conseguimos fazer isso e temos de ir todos os anos, um bocadinho de cada vez, mostrar quem é que está no território.

**“A visibilidade no mundo das artes foi sempre masculina”**

**A associação surgiu para impulsionar a representatividade das mulheres compositoras?**

Sim, é um bocado isso, ao mesmo tempo que já tínhamos representatividade. Agora acho que continuamos, quando olhamos para os programas dos concertos continuamos a perceber que há um problema grave -mas isso há em todas as áreas das artes- o programa é sempre constituído por música de compositores. A verdade é que durante muitos anos as mulheres não tiveram oportunidade de mostrar o seu trabalho, de ter determinadas carreiras, isso já sabemos. E agora estamos até a descobrir, felizmente, trabalhos incríveis, de mulheres compositoras, de século XVIII, século XIX, que ninguém conhecia, de grande qualidade. Só que sempre foi um mundo de homens, tal como a interpretação musical, a escrita. Conhecemos poucas autoras da literatura, por exemplo. Agora começam a aparecer mais mulheres cineastas, pintoras, artistas plásticas. A visibilidade no mundo das artes foi sempre masculina, e depois também são os homens que escrevem os livros sobre arte. Estamos a descobrir que afinal há um mundo artístico constituído por mulheres, que por algum motivo não podiam expor as suas obras, porque era proibido ou porque o marido não deixava. Havia todo este con-

texto. Portanto, estamos a tentar equilibrar a balança. Claro que o nosso objectivo é que o festival possa ser não só música de mulheres, mas também de compositores ou pessoas não-binárias que vivam nos Açores e se queiram juntar. O objectivo é mostrar o nosso trabalho, porque não tem tanta visibilidade, mas se tudo correr bem, daqui a uns anos não vamos estar a ter esta conversa.

**Como surgiu esta colaboração com o Arquipélago para a apresentação do festival?**

Na altura em que estive em São Miguel tive uma reunião com o presidente do centro Arquipélago e falámos sobre arte e sobre os objectivos de um espaço como o Arquipélago. Já tinha esta ideia de organizar uma espécie de encontro ou concerto com música contemporânea, mas mais dentro da música erudita. Ele achou que era uma excelente ideia – isso sempre em ligação com os trabalhos das artes plásticas, que é a vocação do centro – mas fazemos uma exposição interactiva com música. Depois surgiu esta hipótese de fazermos o festival e ele acolheu, automaticamente. Também é a missão do Arquipélago, mostrar estes artistas mais emergentes e que não têm um espaço onde este tipo de trabalho se possa apresentar.

**A colaboração entre artistas e entre associações permite que a cultura sobreviva?**

Pois, é um bocado isso. De facto, neste caso, o Arquipélago está a ser incrível, porque abriu-nos as portas e deu-nos os



**“O Arquipélago está a ser incrível, porque abriu-nos as portas e deu-nos os meios técnicos”.**

meios técnicos. Dá-nos apoio para fazer isto, portanto, para além de apoio logístico, efectivamente ter uma estrutura desta natureza a apoiar esta actividade, é o que nos permite fazê-la. Vão haver vários sítios que vão ser ocupados por diferentes peças

do festival, há um pequeno trajeto que as pessoas vão fazer, também dentro do próprio Arquipélago. É um sítio fantástico com muitas condições.

**Mariana Rovoredo**